

ESTUDO SOBRE A SAÚDE DOS ESCRAVIZADOS NO BRASIL

Aluno: Paulo de Almeida Magalhães Neto
Instituição de ensino conveniada: Colégio São Vicente de Paulo
Orientadora: Tânia Salgado Pimenta
Unidade: Casa de Oswaldo Cruz
Departamento: Departamento de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde

INTRODUÇÃO

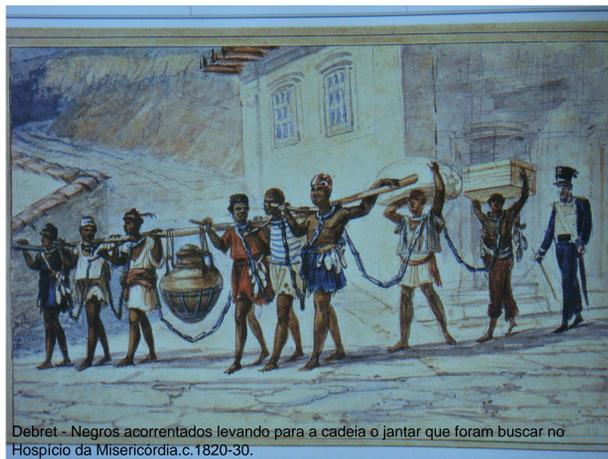
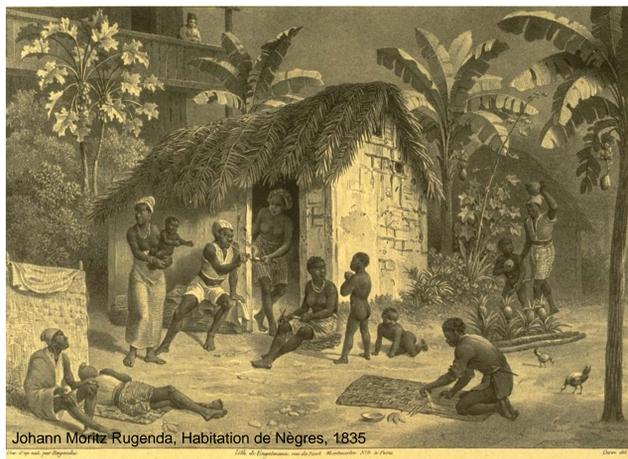
Ao estudarmos história é necessário, primeiramente, entender o que é história. De acordo com o livro "Apologia da História" do escritor Marc Bloch (ANO), a história é a ciência dos homens no tempo. A partir do presente, fazemos as perguntas que nos ajudam a entender sociedades passadas.

Dessa forma, compreender quais eram as condições de vida dos escravizados, as implicações para a saúde dessas pessoas e o que os médicos da época pensavam sobre o assunto nos ajuda conhecer melhor como a sociedade brasileira foi formada e como as relações entre os diversos grupos sociais foram construídas.

A SAÚDE DOS ESCRAVIZADOS NA HISTORIOGRAFIA

A historiografia sobre saúde dos escravizados tem se ampliado, sobretudo, a partir dos anos 2000. Alguns estudos se dedicam a estudar as doenças que mais atingiam os escravizados em determinados espaços e períodos. Outros investigam mais as práticas e saberes de cura exercidos por africanos e seus descendentes. E, por fim, há pesquisas voltadas para o pensamento médico sobre os escravizados e africanos.

Alguns textos sobre esses temas nos ajudam a analisar duas fontes primárias manuscritas que tivemos a oportunidade de trabalhar, que são teses médicas escritas para conclusão do curso. Assim, Barbosa (2016) analisa, através de inventários de proprietários de fazendas do Vale do Paraíba, a cobrança dos médicos por atendimento a escravizados, o que revela a existência de enfermarias nos latifúndios, e as doenças diagnosticadas pelos médicos. Mariosa (2003) afirma que, no início do tráfico, os latifundiários não se importavam com a morte dos escravizados, pois havia grande disponibilidade de africanos trazidos pelo tráfico atlântico, o que diminuía o valor de cada cativo. Com o passar dos anos, porém, principalmente com a proibição do tráfico atlântico em 1850, percebe-se uma preocupação com a saúde dos escravizados, atentando-se para a vestimenta, a alimentação, as condições das mulheres grávidas e, dessa forma, a vida útil dos escravizados aumentou. Viana (2016) atenta para a crença, no século XIX, em que as doenças estariam ligadas a causas espirituais. Ao analisar quantitativamente os registros de morte de escravizados em Vassouras, a autora ressalta que muitos eram enterrados em cemitérios clandestinos. Uma das doenças que mais causavam óbito era a tuberculose atingindo diferentes etnias e classes sociais. Depois da tuberculose, a principal doença era a varíola atingindo em maior escala, mulheres. A pneumonia atingiu mais os escravizados do que os brancos e homens. Muitas pessoas não tinham causas mortis informadas. Além disso, os castigos diminuía bastante a expectativa de vida de um escravizado. O estudo de Pimenta (2016), por sua vez, dedica-se à análise das práticas de cura. Para se tornar um curandeiro, sangrador ou parteira era necessária a expedição de uma autorização concedida pela Fisicatura-mor. As pessoas que exerciam essas atividades faziam parte de grupos sociais mais baixos, como escravizados, libertos e livres pobres. Poderiam ter autorização para atuar, mas suas práticas eram consideradas inferiores dentro da hierarquia das artes de curar. Médicos, cirurgiões e boticários possuíam prerrogativas em relação aos sangradores, curandeiros e parteiras.



OS ESCRAVIZADOS VISTOS PELOS MÉDICOS

Poucas teses médicas abordaram a saúde dos escravizados como tema, embora boa parte se refira a esse grupo como os doentes atendidos no hospital da Santa Casa que serviam como estudos de caso para certas doenças e como enfermos nos quais se utilizavam medicamentos ou dosagens diferentes, ou mesmo como estudos de caso de doenças. Escolhemos duas teses para a leitura certos da necessidade de problematizar essa fonte histórica, ou seja, perguntar quem escreve, quando, para quem, o motivo da escrita.

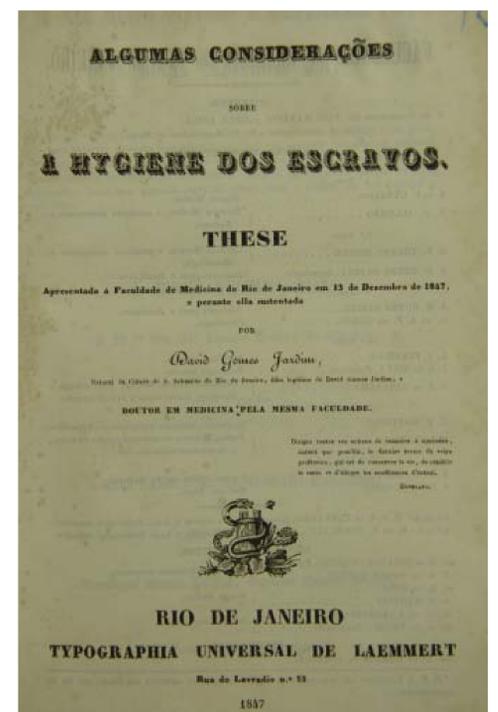
David Gomes Jardim, cuja tese é de 1847, discorre sobre as condições dos escravizados detendo-se em tópicos como alimentação, vestuário, residência, trabalho, sono, habitações e cuidados com os enfermos. A alimentação dos escravizados na cidade do Rio de Janeiro no século se constituía de carne seca, feijão, farinha de mandioca, pão e peixes. Na região do Vale do Paraíba a alimentação dos escravizados era de feijão, milho e às vezes mandioca. O autor chama atenção para que com alimentação pouca diversificada a possibilidade de adoecer era alta para os escravizados. As casas onde moravam eram pouco arejadas, úmidas e construídas por barro. O chão seria sujo e coberto de lama, o que tornava as doenças pulmonares extremamente comuns, de acordo com Jardim. Quanto à vestimenta, os escravizados ganhavam apenas uma muda de roupa por ano, sendo muito expostos à chuva e ao calor, o que o médico apontava como causa de doenças de pele e respiratórias. Os escravizados trabalhavam demasiadamente e, em geral, morriam em mais ou menos 1 ano. As doenças que os escravizados mais apresentavam era a tuberculose, a varíola, a pneumonia, febre amarela, desnutrição. Para tratá-las, muitas vezes, recorriam a remédios caseiros que podiam piorar a situação.

Antonio José de Souza, que defendeu a tese em 1851, também aponta para a pouca variedade de alimentos a que escravizados teriam acesso e ressalta que muitos abusam do álcool e do café. Um aspecto muito importante destacado é que os bebês de escravizadas não eram amamentados pelo tempo necessário, uma vez que as mães eram alugadas como amas de leite, para amamentar outras crianças, ou deveriam se dedicar ao trabalho.

CONCLUSÃO

Apesar de alguns estudos defenderem a hipótese de que após a extinção do tráfico atlântico, em 1850, teria havido um maior cuidado com a saúde dos escravizados, outras pesquisas mostram que se trata de um grupo social sujeito ao descaso das elites e que sofria com doenças que poderiam ser, em geral, evitadas com melhor vestimenta, habitação e alimentação. Assim, podemos concluir que a vida dos escravizados e de seus descendentes era desvalorizada pelos grupos sociais mais ricos.

Apontamos que o nosso projeto sofreu modificações devido à pandemia, mas ainda assim foi possível ter contato e exercitar, em alguma medida, o método da história, a leitura crítica da bibliografia e de algumas fontes.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Keith. "Escravos, senhores e médicos nas fazendas de Cantagalo, século XIX". In: PIMENTA, T.S.; GOMES, F. (Org.). *Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

JARDIM, David. *A Hygiene dos escravos*, David Jardim, 1847

MARIOSIA, Rosilene. "Tratamento e doenças de Escravos da fazenda Santo Antonio do Paiol (1850-1888)" Dissertação de Mestrado, Universidade Severino Sombra, 2003.

PIMENTA, Tânia Salgado. Sangrar, sarjar e aplicar sanguessugas: sangradores no Rio de Janeiro da primeira metade do Oitocentos. In: PIMENTA, T.S.; GOMES, F. (Org.). *Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.

SOUZA, Antonio José de. *These de Antonio José de Souza*, 1851

VIANA, Iamara da Silva. Doenças de escravizados em Vassouras, 1840-1880: principais causas mortis e suas implicações. In: PIMENTA, T.S.; GOMES, F. (Org.). *Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.

VIANA, Iamara. "Morte escrava e relações de poder em Vassouras (1840-1880): hierarquias raciais, sociais e simbolismos.", São Gonçalo-RJ, UERJ, 2009.